

O amor e a sedução da linguagem nos sonetos de Florbela Espanca*

Camila Patrícia dos Santos**

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a questão amorosa e o uso da sedução através da linguagem nos sonetos de Florbela Espanca, à luz de estudos de Leyla Perrone-Moisés e Octavio Paz.

Palavras-chave: Amor; Sedução; Linguagem; Florbela Espanca; Sonetos.

Os estudos relativos aos sonetos/poemas de Florbela Espanca, de forma geral, sempre se direcionam à presença do amor, ao “Don-juanismo” e à morte. Ainda não identificamos nenhum trabalho que se dedique inteiramente ao estudo da linguagem nos sonetos da poetisa. Por isso, a identificação dos elementos metalingüísticos e de sedução dos sonetos se configura como uma nova perspectiva de leitura dos textos de Florbela Espanca.

O nosso trabalho tem como base a questão do amor na constituição da sociedade, que vai construir barreiras (religião, constituição legislativa) para organizar e controlar os relacionamentos dos amorosos, o que aparece na literatura desde a poesia trovadoresca. A perspectiva é a do amor não realizado, representado na escrita dos sonetos

* Trabalho final feito com a colaboração dos colegas Leandro Sacramento Medeiros e Fabiana Luiza Carvalho Mendes e apresentado à disciplina “Textos Fundadores das Literaturas de Língua Portuguesa”, ministrada pela Profª Dra. Lélia Maria Parreira Duarte e pelo Prof. Dr. Onofre de Freitas, durante o 1º semestre de 2008, na Graduação em Letras da PUC Minas.

**Graduanda em Letras na PUC Minas.

de Florbela Espanca. Um amor que remete à morte e ao mesmo tempo representa o “gozo” – como uma estratégia de sedução intencional do eu-lírico para atingir o leitor do soneto.

Alguns autores afirmam que a vida da autora Florbela pode ter influenciado grande parte de seus poemas e sonetos. A melancolia presente em seus textos remete à sua infância de criança renegada pelo pai e à precoce inserção da autora no mundo da produção literária, pois aos sete anos Florbela escreveu seu primeiro poema, “A vida e a morte”.

Mais tarde, a autora dos sonetos foi uma das primeiras mulheres a ingressar no ensino superior, na época chamado “curso secundário”, fato que não é bem visto pela sociedade. Florbela casa-se três vezes e não é bem-sucedida em nenhum desses casamentos, o que leva a autora a ser considerada uma contestadora da organização social do casamento em seu tempo. A religião pregava a união pelo casamento como uma forma de procriação, e os “amantes” queriam viver o amor na sua união. Por isso, a instabilidade matrimonial e a contestação ao casamento fizeram Florbela ser considerada e diagnosticada como louca e neurótica, dizendo que, já no primeiro matrimônio a autora começa a apresentar sinais de neurose; no segundo casamento, sofre o segundo aborto espontâneo e o seu quadro neurótico se agrava e no terceiro casamento a neurose é diagnosticada e relacionada a um edema pulmonar. E para “frisar” a loucura de Florbela, a autora se suicida, deixando a frase “... e não haver gestos novos nem palavras novas”, em sua última obra: **Diário do último ano**.

A sedução é o elo que liga o amor e a linguagem e talvez seja um dos elementos persuasivos mais influentes nestes. A linguagem permite algumas manifestações como a fala e a escrita, sendo que, na fala, a sedução pode ser mais evidente pela entonação, pelos gestos e pela própria presença do enunciador. É na escrita, porém, que a sedução

pode ser mais persuasiva, por não “conseguir” dizer explicitamente aquilo que parece querer dizer.

Por isso, a sedução na escrita desperta o desejo do leitor, que a cada nova leitura pode perceber pistas e marcas ainda não identificadas:

A escrita sedutora é ainda mais perversa do que a fala sedutora, porque pretende agir sobre um interlocutor ausente, porque mexe com todos os desejos vagos. (PERRONE-MOISÉS,1990, p.19)

O eu-lírico não determina um leitor em especial, ou seja, não fala somente para a pessoa amada, mas deixa a leitura aberta para que qualquer leitor se identifique com o que foi dito. Os sonetos tocam na subjetividade de qualquer leitor que viveu ou espera viver um amor. A partir dessa teoria, é possível entender o artifício principal da sedução dos poemas de Florbela: a estratégia da escrita. O eu-lírico conduz o leitor pela escrita, como se estivesse falando de si, mas na realidade fala do todo, dos dois – eu-lírico e leitor. No soneto “Fanatismo”, o eu-lírico tenta atingir o leitor através de metáforas, que dizem o “não-dito”: “Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida / Meus olhos andam cegos de te ver / Não és sequer razão do meu viver / Pois que tu és já toda a minha vida!”¹

As palavras são as armas/ferramentas de um sedutor e são capazes de despertar os sentimentos mais profundos de um leitor. Porém, antes de seduzir, o poeta é seduzido – pela própria fala, ou pela fala de outrem – pois é necessário que este se sinta sensibilizado com o dizer, para ter certeza de que vai despertar as sensações do outro, ou é necessário vivenciar tais sensações para instigar no outro o desejo de sentir.

¹ ESPANCA, 1923, p. 43. Todas as citações dos sonetos serão desse livro e serão indicadas apenas pelos números das páginas.

é uma simulação da linguagem, e que as palavras sempre viveram em total promiscuidade. (PERRONE-MOISÉS,1990, p.14).

Além do uso das inalcançáveis palavras, a linguagem sedutora usada por Florbela Espanca apresenta pistas a partir da escolha do gênero soneto. Num soneto, tudo é milimetricamente calculado para que o texto seja dividido em 14 versos, sendo 2 quartetos e 2 tercetos. As métricas devem ser pensadas uma a uma para que os versos tenham a mesma quantidade de sílabas; deve ser previsto também o posicionamento das rimas, que podem ser entrelaçadas, alternadas ou emparelhadas, sendo um dos aspectos mais importantes a sonoridade do soneto.

Nos sonetos de Florbela podemos perceber o uso de tal estratégia, por exemplo em “Maria das Quimeras”: “Maria das Quimeras me chamou / Alguém... Pelos castelos que eu ergui / P’las flores d’ouro e azul que a sol teci / Numa tela de sonho que estalou. // Maria das Quimeras me ficou; / Com elas na minh’alma adormeci. / Mas, quando despertei, nem uma vi / Que da minh’alma, Alguém, tudo levou!” (p.70). A autora utiliza a estratégia da contração de palavras para que o verso tome o formato isométrico, usando também rimas entrelaçadas para acentuar a sonoridade do soneto.

Outra estratégia de sedução utilizada nos sonetos está na representação de um amor não realizado, recurso muito utilizado na fase trovadoresca. No trovadorismo, a sociedade tinha uma visão teocêntrica do mundo e tal fato era refletido em artes como a pintura e a escultura; a poesia surgiu nessa fase em forma de canções e o amor era o tema mais cantado pelos poetas trovadores. A imposição religiosa e social dessa época impedia que as pessoas se unissem e casassem por amor, tudo era determinado pelos interesses econômicos, religiosos (procriação) e políticos, sendo a escrita a forma que os amantes encontravam para externar seus desejos e sentimentos.

destaca ainda outros pontos sobre o amor, como a paixão pelo sofrimento, o protagonismo da mulher e as visões sombrias do amor: ciúmes, traições, abandono e morte.

Paz mostra ainda que o papel da mulher, no poema de amor, era basicamente o da pessoa amada ou o da sofredora abandonada; afirma que a mulher toma um novo espaço na literatura quando a *polis* se abre para o exterior, possibilitando, assim, uma mulher mais independente e mais livre: “O objeto erótico começou a se transformar em sujeito”, passando a ocupar cargos sociais com mais destaque, posições heróicas, surgindo posteriormente a “Cortesã”. E daí os poemas começam a sofrer mudanças como “a presença simultânea da própria consciência do ódio e do amor, do desejo e do desprezo” (PAZ, 1994, p.52).

Nos sonetos de Florbela encontramos marcas desse amor que se mistura, ao mesmo tempo, com o ódio, mostrando que, quanto mais se odeia, mais se ama, “Ódio por ele? Não... Se o amei tanto, / Se tanto bem lhe quis no meu passado, / Se o encontrei depois de o ter sonhado, / Se à vida assim roubei todo o encanto... / (...) / Ódio seria em mim saudade infinda, / Mágoa de o ter perdido, amor ainda. / Ódio por ele? Não... não vale a pena...” (p.74). Nesse soneto, o eu-lírico está disposto a amar, mesmo que o objeto amado não retribua o amor; acredita na possibilidade de ser feliz, e depois de tanto esperar pelo amado finalmente pode amar sem medir esforços, para viver o amor intensamente. Trata-se de um amor que aceita o outro, que espera pelo amado, e que acima de tudo pensa em amar.

Paz escreve em seu texto “A dama e a santa”: “a antiguidade greco-romana conheceu o amor quase sempre como uma paixão dolorosa e, apesar disso, digna de ser vivida e em si mesma desejável” (PAZ, 1994, p.69); o amor é desejo de completude e assim responde a uma necessidade profunda dos homens. Nos sonetos de Florbela Espanca podemos perceber esse amor doloroso, que se martiriza e que

depende do ser amado: “Longe de ti são ermos os caminhos, / Longe de ti não há luar nem rosas,” (p. 54). O amor é visto como um sofrimento, principalmente para aquele que ama e não é correspondido; o eu-lírico se mostra a mercê do amado, seu amor é dependente do outro, não há vida/caminho sem a presença do outro. Amar é sofrer, amar é se dar sem pedir nada em troca; viver sem o amor é sofrer infinitamente e é ser infeliz.

A partir dessa percepção entramos na fase do amor não realizado, onde o eu-lírico espera por um amor que, na maioria das vezes, não vai se realizar jamais. É uma espera incerta pela felicidade, onde o importante é amar e sempre amar. Nesse modelo de amor, o ser amado é sempre um ser idealizado, um ser sem defeitos ou imperfeições, e, ao mesmo tempo, o que ama é um “coitado” que se martiriza e nunca está à altura do amado. O amor é marcado pela distância, que pode ser financeira, de lugar geográfico, religiosa e/ou social. Podemos fazer uma breve comparação aos romances de princesa e plebeu e vice-versa, ou mesmo aos contos de fadas, onde costumamos ver um casal separado pelas imposições sociais, porém há nestes geralmente um final feliz, enquanto que nos sonetos ou poemas permanece a ausência e o sofrimento.

No soneto “Eu”, o eu-lírico parece estar bastante fragilizado pelo sofrimento, e por pouco preferia não existir, pois está mergulhado em tristeza e melancolia, “Eu sou a que no mundo anda perdida, / Eu sou a que na vida não tem norte...” (p.15). Nesse poema é visível ao leitor a consequência da expectativa do amor e a sua não realização, “Alguém que veio ao mundo pra me ver / E que nunca na vida me encontrou!”. Além disso, podemos perceber também as estratégias de persuasão do leitor quando o eu-lírico traduz esse sentimento melancólico, que marca a incapacidade de ser feliz, ao traçar o desejo de estar ao lado de outrem, fazendo com que o leitor também se identifique com o poema.

A abordagem sedutora dos sonetos de Florbela cerca o leitor por muitos lados. O leitor é quase um prisioneiro da leitura e se sensibiliza com o desabafo do eu-lírico, acabando por identificar-se com o que está sendo dito. A interação do leitor com o texto é definida pelo uso de estratégias sedutoras de linguagem.

Depois da pesquisa a textos teóricos e de seu relacionamento aos sonetos de Florbela, percebemos haver neles não somente uma mera representação do amor, mas também essa linguagem sedutora, que tem o desejo de comover o leitor e é capaz de trazer os leitores para dentro do texto. Há um momento nos sonetos em que o eu-lírico assume a entrada do leitor. No soneto "O nosso livro", o próprio pronome "nosso" inclui não só o ser amado, mas também o leitor: "Livro do meu amor, do teu amor, / Livro do nosso amor, do nosso peito... / Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente / Dirá, fechando o livro docemente: / "Versos só nossos, só de nós os dois!..." (p.50).

Como vimos, entretanto, as estratégias de sedução nos sonetos de Florbela Espanca não se mostram somente na busca de identificação do leitor com a história amorosa lida, mas também na escolha do gênero e do tema "Amor", na fala do amor não realizado, na escolha de palavras e no sofrimento. É esse conjunto que atinge o leitor, tocando-o em sua sensibilidade e subjetividade.

ABSTRACT

This essay analyzes the amorous feature and the use of seduction through language in Florbela Espanca's sonnets, in the light of studies of Leyla Perrone-Moisés and Octavio Paz.

Key words: Love; Seduction; Language; Florbela Espanca; Sonnets.

